

O TRABALHO DE CAMPO NA PESQUISA

Reinaldo Corrêa Costa
Departamento de Geografia-FFLCH/USP

"(...) é preciso reconhecer que há muito mais procuras, ensaios e perguntas, do que respostas. Muito mais experiências em processo do que teorias consagradas. Nada melhor, portanto, e nada mais perigoso". Carlos R. Brandão

"O ponto essencial é que o homem não inventa uma canoa só porque deseja cruzar o rio ou vencer o mar, mas inventando a canoa ele toma consciência do mar, do rio, da canoa e de si mesmo. Se o homem faz-se a si próprio, é preciso também não esquecer que ele assim procede porque pode ver-se a si mesmo em todos os desafios que enfrenta e em todos os instrumentos que fabrica". Roberto DaMatta

Pensamento Inicial

Com a oportunidade de trabalhar em pesquisa, tenho o incomensurável prazer que é proporcionado com as descobertas e o desmistificar dos fatos; dessa maneira, compreendo a importância do trabalho de campo para o geógrafo, para a sociedade, para o meio acadêmico, e para a realização pessoal. Porém, desgraçadamente, para alguns, persiste a dicotomia professor X pesquisador. CAPRA(1988), com o qual concordo, fala-nos a respeito do trabalho de pesquisa, e me reconheço no que diz:

"Quando decidi escrever um livro sob as limitações da visão do mundo mecanicista e o surgimento de um novo paradigma em diversos campos do saber, fica bem claro para mim que eu não poderia empreender

tal tarefa sozinho. Teria sido impossível apreciar a volumosa literatura de uma única ou outra disciplina que não a minha a fim de descobrir onde as principais mudanças estavam ocorrendo e onde começam a surgir novas idéias significativas quanto mais tentar isso em várias delas. Portanto desde o início concebi minha tarefa como resultado de algum tipo de esforço em conjunto."

Começando

Tendo como objetivo reconstituir a história da ocupação e analisar a (re) produção de três localidades no sudeste do Pará, procuro entender as suas atividades no ambiente em que vivem. Entender

relações não só econômicas como pessoais diante de realidades diferentes, se possível com perspectivas e propostas.

Para fazer um estudo fundamentado no processo histórico de ocupação, é preciso que se tenha uma noção da história da ocupação da região Amazônica. O processo de colonização da Amazônia, pelos *conquistadores*, teve início com as expedições realizadas por ingleses, franceses, espanhóis e holandeses. Essas expedições eram de cunho especulativo, em busca de metais preciosos, ou de qualquer outro produto que estivesse em alta no mercado europeu.

É importante ressaltar que essas expedições sempre seguiram os cursos dos rios e o principal objetivo era explorar as riquezas naturais existentes na região e não a colonização propriamente dita. A ação das ordens religiosas também foi muito importante para a ocupação da Amazônia. Índios eram reunidos em aldeias, que deram origem a algumas das cidades mais antigas do Pará.

As *frentes de expansão* ocorridas na segunda metade do século XVII também influenciaram bastante no processo de ocupação da Amazônia. A necessidade cada vez maior de obter terras no litoral para o cultivo de cana-de-açúcar, afastava para o interior do território a criação bovina, que também ocupava grandes extensões territoriais, mesmo com baixa produtividade. Ressalta-se que essa prática não se dava uniformemente; existiram áreas que sofreram maior concentração de terras para a pecuária e outras que não passaram por esse processo. A frente de expansão pastoril foi muito importante para a ocupação do Brasil Central, assim como para o Maranhão, o que fez com que a pecuária fosse bem expressiva nessas regiões, até a atualidade.

Já no século XVIII, a frente pastoril, seguindo o curso do rio Tocantins, alcançou as proximidades do que é hoje a cidade de Marabá. Uma outra frente de expansão já tinha ocorrido no Brasil. Foi a frente da *drogas do sertão*. Muitas expedições eram direcionadas ao norte do País, em busca de ouro e prata, porém, estes produtos nunca foram encontrados.

Para compensar, os viajantes encontraram espécies vegetais que poderiam substituir as especiarias das Índias: cravo, canela, cacau, castanha-do-Pará, entre outras, que foram sendo exploradas e exportadas para a Europa. As *drogas do sertão* se constituíram como um negócio lucrativo para a metrópole portuguesa e a prática de aprisionamento de índios, para torná-los mão-de-obra não pagã, formava uma espécie de povoado, onde os missionários catequizavam os índios favorecendo o controle por parte dos portugueses.

Por volta do final do século XVIII, uma das espécies vegetais, a seringueira, foi bastante utilizada e foi um dos produtos que mais trouxe riquezas para a região. Com a decadência da borracha brasileira, no mercado internacional, a região voltou a uma *estagnação*. Contudo, já havia uma oligarquia local se fortalecendo e terras já tinham sido ocupadas, e um outro produto, a castanha-do-Pará, passou a ser explorado. Até a década de 1950, a Amazônia era considerada mal conhecida, fornecedora apenas de produtos extrativos e vegetais. No final dos anos 50 e início da década de 1960, o Brasil vivenciou os impasses decorrentes do modelo de substituição de importações acentuados pela elevada inflação. Passou-se a incentivar empresas para se instalarem na região da Amazônia, com subsídios do Governo Federal. Um dos desdobramentos dessa situação foi a aquisição de grandes extensões de terras na Amazônia por industriais e banqueiros do centro-sul do País e grupos estrangeiros com fins especulativos. Ao mesmo tempo, intensificou-se a articulação da economia nacional com o capital monopolista internacional.

De simples aquisição de terras, os grupos econômicos industriais e financeiros passaram a instalar suas empresas na Amazônia. Acompanhando esse movimento e buscando garanti-lo, o Estado reelaborou as políticas de incentivo a essa forma de ocupação que, num primeiro momento, era incipiente. De uma ocupação garantida e incentivada pelo Governo Federal, na década de 1960, iniciou-se uma ocupação fortemente induzida pelo Estado e

com ritmo acelerado a partir da década de 1970. O que contribuiu para que, na Amazônia Oriental, se formassem os maiores latifúndios do Brasil e talvez do mundo. Desde 1976, eclodiram conflitos fundiários em vários pontos da Amazônia, mais acentuadamente no sul e sudeste do Pará, onde se confrontaram posseiros e fazendeiros e/ou posseiros e antigos donos de castanhais. Também outras distorções do modelo de ocupação, via grande empresa agropecuária-industrial, começaram a vir à tona.

Observando

Temos agora uma visão geral da área estudada, o sudeste paraense, mais especificamente, agricultores e pescadores em três localidades pertencentes ao município de Jacundá, no Pará. Na atuação da pesquisa é preciso reconhecer que existem relações do dia-a-dia, e isto é, uma contribuição para a (re)produção e organização das localidades e tais práticas devem ser encaradas como produção de conhecimento útil. Quanto ao processo da pesquisa, elas são mais ou menos científicas (há o envolvimento emocional), porém, se há a clara compreensão da relação com elas, para analisar os questionamentos e as possíveis respostas, a pesquisa é - e deve ser - científica, não emocional, ela acaba sofrendo uma intervenção, e "o rigor da ciência encontra-se, justamente, no seu discurso" (PEREIRA, 1996). A pesquisa não pode ter soluções em seu início, as soluções são construídas com o diálogo entre as partes. Então haverá uma relação de igualdade (transparência) entre todos. Surge daí um grupo que tem relação interna, portador da possibilidade de democracia no próprio grupo. A questão de poder é passada sem - ou com o mínimo - de intervenção do pesquisador.

Ao propor um estudo de comunidades rurais no sudeste paraense, percebi a dificuldade de encontrar materiais escritos para uma boa fundamentação teórica, portanto, a criatividade deverá ser utilizada como forma de superar as dificuldades, não só teóricas quanto metodológicas, com a lembrança de

estar sempre atento ao acaso e sobretudo estar pronto para aceitar o erro, e dele tirar proveito para um crescimento não só intelectual como pessoal. Quando em trabalho de campo, é fundamental estar alerta, pois, conforme ressalta BOCHNIAK (1996):

"(...)sem dúvida nas diferentes áreas do conhecimento científico estamos diante de nova concepção, também, do que seja rigor. Através da superação dos princípios do modelo de racionalidade científica da Modernidade, poderíamos dizer que a rigorosidade já não mais se distrai pelos caminhos da exacerbação da objetividade, da neutralidade, da fragmentação, da relevância apenas do numericamente significativo e da ilusão da previsibilidade da Ciência, muito menos pelos caminhos da universalidade, regularidade, padronização, porque hoje já se admite e, principalmente, se reconhece que o atípico, o inédito, o irregular, o local também têm muitos subsídios a oferecer para a pesquisa científica"

Labor: trabalho de campo

Tive a oportunidade de passar 35 dias fazendo trabalho de campo. Não foi a primeira vez. E não foi só isso: também foi a oportunidade de crescer, de amadurecer, enquanto aluno, enquanto pessoa e enquanto aprendiz de pesquisador. Lembro que a área é o sudeste paraense, tendo como maior parte das andanças o município de Jacundá. Estive em três localidades: Beira Mojú, Açaizal e Ilhas do Maternal (no lago de Tucuruí). Fiz 21 entrevistas em cada localidade, totalizando, portanto, 63 entrevistas; acrescenta-se a isso conversas com lideranças políticas, sindicais etc. A metodologia que uso é de uma aprendizagem, de sentimento, de percepção, e não é colocar o real na teoria e nem o contrário, é entender o real a partir das teorias que temos como aceitas e com elas estabelecer um diálogo crítico. Por estar em uma área que ainda tem características da fronteira, o uso do gravador foi proibido pelo método que adotei. Preferi a conversa, com um roteiro estimulador de conversa do que o uso de questionário que limita e constrange. O roteiro me deixa livre para interpre-

tações, e melhor, livra também, ao mínimo, creio, o entrevistado de algum constrangimento, desconfiança. Trabalhar só, e de certo modo artesanalmente, também é parte desse método, para poder sentir, perceber todas as dimensões das informações, tê-las na memória ou anotá-las na caderneta de campo. Quanto ao método, incluo-me no pensamento de Pereira (1996):

"(...) quero dizer que a questão do método é uma questão de escolha do pesquisador. É uma tarefa que cabe a cada pesquisador, a cada pesquisador em particular, já que o método depende, certamente do que se pretende conhecer(o objeto), quanto da especificidade daquilo que se pretende conhecer, mas, principalmente, da inevitável indissociabilidade entre teoria e prática, embutida na visão de mundo que cada pesquisador tem".

Em alguns dias caminhei aproximadamente de 15 a 20 km, em outros remei por quase 2h(direto). No lago, excepcionalmente, precisei de um guia, também porque a situação nas ilhas é de muita desconfiança, há boatos de despejos por parte do IBAMA/ELETRONORTE. As caminhadas eram solitárias, sob sol, chuva, de manhã, de tarde e de noite. As remadas eram comandadas e acompanhadas pelo guia, filho de uma liderança da localidade. Sustos sempre aparecem, mesmo nas cidades; em alguns momentos quase tudo ganha outro significado. Não foram poucas as vezes em que me senti tal e qual um viajante do século XIX. Sei que não sou e não almejo ser, porém, são sensações e percepções que procurei registrar.

Há o prazer de conhecer pessoas agradáveis, sábias em seus espaços e em seus tempos; também existe o aprendizado quando a desconfiança se torna latente. Creio que só não fui de *nervo exposto* devido à curiosidade, suponho. A experiência pessoal é riquíssima. Ao traçar estas palavras sinto saudades das experiências, sem exceção.

A idéia era obter 20 entrevistas em cada localidade, a fim de ter uma *amostra*, algo que se aproximasse de uma fundamentação para entender

e apreender as lógicas dominantes na reprodução das relações sociais nas três localidades. Para fazer as entrevistas usei croquis feitos por moradores e guardas da SUCAM, além do mapa de conjunto da área de atuação da mesma instituição, agora Fundação Nacional de Saúde (FNS), pois não conhecia os caminhos e as estradas. Para me locomover, usei tudo aquilo que foi possível, não poderia ter um meio de transporte, pois o caminho da ida muitas vezes não foi o caminho da volta.

Na localidade Beira Mojú entrevistei, também, pessoas que, pelos limites municipais, estão em Rondon do Pará. Entretanto, suas ações estão ligadas à sede de outro município, o de Jacundá, que fica mais próximo. No Açaizal a preferência era conversar com moradores que têm seus lotes em contato com o lago de Tucuruí, para ter uma dimensão da nova paisagem na vida dos moradores (o lago tem dez anos de existência). Como são as atividades que exercem junto ao lago? Como eram antes dele? Que mudanças ocorreram? Essas eram as preferências. As Ilhas do Maternal foram algo novo, pois nunca estivera lá antes. *Tudo* era preferencial, tudo era e é curiosidade, motivação para pesquisar, conhecer, desvendar, desvelar, revelar. Por outro lado, como escreve MARTINS (1997):

"Relevante é o que as pessoas ocultam, o que constitui propriamente elemento de sua vida privada. Portanto, a melhor técnica de pesquisa acaba sendo aquela que induz a vítima a confessar o que, provavelmente, gostaria que não se tornasse público. A pesquisa acaba se revelando uma certa forma de espionagem, de invasão, de violência".

Para o desenvolvimento do trabalho de campo, a ajuda dos moradores das três localidades foi crucial e essa solidariedade é demonstrada na acolhida que tive em seus lares, onde obtive a permissão para armar minha rede em algum lugar da casa. E, nas refeições, que sempre eram repartidas comigo de forma generosa.

Reflexões Finais

Mesmo com esse apoio, questiono-me a respeito de minha posição no grupo estudado. O que sou? Um pesquisador? Um coletor de informações? Ou outra coisa? Procuro ter cuidado quando questionado sobre problemas específicos das localidades, pois, apesar de ser solidário com a causa deles, sou um estranho e não faço parte do grupo, e nem o pretendo. O que pretendo é fazer uma pesquisa *com* eles, embora a idéia inicial seja de uma pesquisa *sobre* eles. Questiono, também, a minha aproximação com os líderes locais; não quero legitimar pessoas que têm interesses que não são os do povo da localidade, e nem quero desacreditar pessoas honestas. Muitos moradores pensam que trabalho para o IBAMA ou para o INCRA. Quanto ao apoio da maioria, para as necessidades mais gerais, das carências, dos planos etc., minha opinião, meu relatório final, enfim, a mensagem do pesquisador deve ser norteadas primeiro pela análise e depois a crítica. Na pesquisa tem que haver um certo distanciamento para sermos objetivos e evitarmos cair no equívoco da *participação popular, participação democrática* ou algo parecido. Para não divulgarmos somente a carência, a necessidade imediata, o utilitário. Este não deve ser o caminho da pesquisa, porque colocará a noção de processo, de dinâmica, de produção/reprodução, de contradição, de cultura, em segundo ou terceiro plano, se elas não caírem no esquecimento. Nesse sentido, OLIVEIRA e OLIVEIRA (1981) comentam o seguinte:

“De fato se o objetivo do pesquisador é contribuir para uma problematização e uma clarificação da prática vivida pelo grupo, ele deve preservar uma distância crítica em relação à realidade e à ação cotidiana do grupo. A verdadeira inserção implica, portanto, numa tensão permanente entre o ris-

co de identificação excessiva do pesquisador com os protagonistas da situação em que está inserido e a necessidade de manter um recuo que permita uma reflexão crítica sobre a experiência em curso. É preciso, justamente, alcançar uma síntese entre o militante de base e o cientista social, entre o observador e o participante, sem sacrificar nenhum dos dois pólos desta relação”.

As diferenças, elas existem e não podemos escapar delas; o jeito de falar, de segurar as coisas, de olhar, de vestir etc., tudo isso é perceptível. Isso sem falarmos dos objetos que possuo, caderno, lápis, roupas, mochila etc. Na diferença está a riqueza do relacionamento, pois nos costumes do outro tomo a dimensão de meus costumes e da humanidade que há entre nós, afinal de contas, “o mundo humano forma-se dentro de um ritmo dialético com a natureza. Foi respondendo à natureza que o homem modificou-se e assim inventou um plano onde pôde simultaneamente reformular-se, reformulando a própria natureza” (DaMATTA, 1981). O pesquisador, por ser estranho, deve ser aceito como tal, havendo a consciência de que, mais cedo ou mais tarde, voltará para seu mundo, para sua realidade, ou para qualquer outro grupo. O resultado da pesquisa também é político, uma vez que não existe conhecimento neutro; e é limitado, pois serve apenas a uma parcela do mundo acadêmico.

Deve haver uma integração do trabalho de pesquisa com a teoria. É também uma atividade teórica pautada em especificidades da realidade. O uso de teorias é fundamental para o exercício acadêmico e intelectual, aliado ao fato de que no trabalho de campo, algumas teorias se sobressaem na mentalidade do pesquisador, e isso é revisto com a análise das informações coletadas. O trabalho de campo, por outro lado, também mostra quem é o seu realizador, seja no aspecto político, acadêmico ou pessoal.

Bibliografia

BOCHNIAK, R. *Considerações sobre a produção do conhecimento*. Íntegra da palestra dada pela autora em 22/05/96. São Paulo.

BRANDÃO, C. R. "Pesquisar-Participar". In: BRANDÃO, C. R.(org.). *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense. 1984.

CAPRA, F. *Sabedoria Incomum*. São Paulo: Cultrix. 1988.

DaMATTA, R. *Relativizando: Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis: Vozes, 1981.

GARCIA Jr, A. R. *Terra de Trabalho: Trabalho Familiar de pequenos produtores*. Rio de Janeiro: Paz

e Terra. 1983.

MARTINS, J. S. *Fronteira. A degradação do Outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.

OLIVEIRA, R. D. e OLIVEIRA, M. D. "Pesquisa Social e Ação Educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la". In: BRANDÃO, C. R.(org.). *Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense. 1984.

PEREIRA, P. A. *A Ciência da Educação*. Palestra proferida no dia 01/ 12/95. VII Reunião do Forum Paulista de Pedagogia. UFSCar. São Paulo.

ZALUAR, A. *Teoria e prática do trabalho de campo: Alguns Problemas*.

